

PROPOSTA DIALÓGICA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PRODUÇÃO DE BOVINOS LEITEIROS

Marcela de Pinho Manzi¹
Helio Langoni²

RESUMO

A medicina veterinária, além de atuar diretamente na sanidade animal, age também na saúde humana, por meio de atividades de inspeção sanitária de alimentos, vigilância epidemiológica, sanitária e ambiental, atividades de orientação e educação em saúde no que diz respeito à saúde pública e zoonoses. Dentre as diversas zoonoses, algumas são mais frequentes em pequenas propriedades rurais de bovinocultura leiteira, devido às condições ambientais e de manejo favoráveis aos agentes etiológicos e vetores, além do acesso limitado à informação técnica acerca da medicina veterinária preventiva. O presente trabalho teve por objetivos analisar a realidade local de propriedades rurais e uma proposta pautada na perspectiva dialógica na educação em saúde veterinária. Foram envolvidas 37 pequenas propriedades rurais no interior do estado de São Paulo. Os dados foram obtidos por meio de aplicação de questionário, observação e prática de atividades de educação em saúde, no modelo dialógico. O questionário indicou perfil de baixa produção, baixa tecnificação e baixa especialização, bem como deficiência com relação às medidas preventivas contra algumas doenças zoonóticas. Quanto às atividades educativas, a perspectiva dialógica mostrou-se efetiva, com grande interesse e participação dos produtores. Conclui-se pela necessidade de mudanças nas práticas de educação em saúde no âmbito da medicina veterinária, usando da diversidade cultural entre meios acadêmico e rural como recurso a ser explorado, e a valorização da pluralidade dos saberes como fator determinante na interação produtor/veterinário.

Palavras-chave: Profilaxia de doenças; bovinos; mastite; educação

DIALOGIC PROPOSAL IN THE PROCESS OF HEALTH EDUCATION ON DAIRY CATTLE PRODUCTION

ABSTRACT

Veterinary medicine, in addition to acting directly on animal health, also acts on human health, through activities of sanitary inspection of food, epidemiological, sanitary and environmental surveillance, activities of orientation and health education with regard to public and zoonosis. Among the various zoonosis, some are more frequent in small dairy cattle farms, due to environmental and management conditions favorable to etiological agents and vectors, in addition to limited access to technical information about preventive veterinary medicine. The present work aimed to analyze the local reality of rural properties and a proposal based on the dialogic perspective in veterinary health education. 37 small rural properties in the interior of the state of São Paulo were involved. Data were obtained through the application of a questionnaire, observation and practice of health education activities, in the dialogic model. The questionnaire indicated a low production profile, low technification and low specialization, as well as a deficiency in relation to preventive measures against some zoonotic diseases. As for educational activities, the dialogic perspective proved to be effective, with great interest and participation of producers. It concludes by the need for changes in health education practices

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Botucatu-SP. marcela.pmanzi@gmail.com

² Docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Botucatu-SP. hlangoni@fmvz.unesp.br

within the scope of veterinary medicine, using cultural diversity between academic and rural environments as a resource to be explored, and the appreciation of the plurality of knowledge as a determining factor in the producer/veterinary interaction.

Keywords: Disease prophylaxis; cattle; mastitis; education

PROPUESTA DIALOGICA EN EL PROCESO DE EDUCACION EN SALUD EN LA PRODUCCION DE GANADO DE LECHE

RESUMEN

La medicina veterinaria, además de actuar directamente sobre la salud animal, también actúa sobre la salud humana, a través de actividades de inspección sanitaria de alimentos, vigilancia epidemiológica, sanitaria y ambiental, actividades de orientación y educación sanitaria frente al público y zoonosis. Entre las diversas zoonosis, algunas son más frecuentes en pequeñas explotaciones de ganado lechero, debido a las condiciones ambientales y de manejo favorables a los agentes etiológicos y vectores, además del limitado acceso a información técnica sobre medicina veterinaria preventiva. El presente trabajo tuvo como objetivo analizar la realidad local de las propiedades rurales y una propuesta basada en la perspectiva dialógica en la educación en salud veterinaria. Participaron 37 pequeñas propiedades rurales del interior del estado de São Paulo. Los datos fueron obtenidos a través de la aplicación de un cuestionario, observación y práctica de actividades de educación en salud, en el modelo dialógico. El cuestionario indicó un bajo perfil productivo, baja tecnificación y baja especialización, así como una deficiencia en relación a las medidas preventivas contra algunas enfermedades zoonóticas. En cuanto a las actividades educativas, la perspectiva dialógica demostró ser efectiva, con gran interés y participación de los productores. Se concluye por la necesidad de cambios en las prácticas de educación en salud en el campo de la medicina veterinaria, utilizando la diversidad cultural entre los ambientes académico y rural como recurso a explorar, y la valorización de la pluralidad de saberes como factor determinante en la formación del productor/veterinario. Interacción.

Palabras-Clave: profilaxis de enfermedades; ganado; mastitis; educación

INTRODUÇÃO

As zoonoses, doenças comuns aos animais e aos humanos, caracterizam-se como um grande desafio para a saúde pública, com aproximadamente 61% de todos os patógenos humanos considerados zoonóticos (1). A ocorrência de zoonoses pode ser agravada diante da associação de fatores predisponentes, tais como ambientes favoráveis para o desenvolvimento dos agentes etiológicos bem como para vetores (2), além do acesso limitado a informações técnicas sobre suas medidas preventivas.

Para que essas informações cheguem da melhor forma aos produtores, a fim de orientá-los e dar-lhes acesso a outras formas de “conhecimento”, e ao mesmo tempo preservar a cultura rural e o saber empírico do campo, o presente trabalho propõe o uso da metodologia dialógica de ensino adaptada às atividades de educação em saúde veterinária junto a pequenos produtores rurais da cadeia produtiva do leite.

A relação dialógica, problematizadora, entre educando e educador, possibilita ambos aprenderem juntos, por meio de um processo de reflexão e autonomia de construção do conhecimento a partir da realidade individual (3). Esta metodologia apresenta grande motivação

prática e estímulo para que o interessado possa estabelecer soluções criativas (4) trabalhando reflexão e orientação pelas ações (5).

A educação em saúde deve enfatizar a valorização dos saberes populares, conhecimento prévio e não somente o conhecimento científico (6). Apesar de propostas, discursos, projetos e reflexões acerca da prática dialógica na educação em saúde, o que se nota ainda são em muitos casos, apresentação da educação em saúde como instrumento de dominação, bem como responsabilização dos indivíduos pelas suas próprias condições de vida (7,8). O presente estudo teve por objetivo analisar a realidade local de propriedades rurais e propor uma perspectiva dialógica para a educação em saúde veterinária, com a integração dos saberes científico e empírico.

MATERIAL E MÉTODOS

Foram envolvidas 37 pequenas propriedades rurais de bovinocultura leiteira, por amostragem de conveniência e adesão voluntária, em municípios localizados no interior do estado de São Paulo, em um raio de até 200 km de Botucatu-SP.

O estudo foi realizado em três momentos distintos: de aplicação de questionário, realização de atividades de educação em saúde, baseado na metodologia dialógica e avaliação da interação dos produtores diante da atividade educativa.

O questionário foi elaborado segundo técnicas de Payne (9), Günther (10) e Gil (11) e adaptado as questões problemas do estudo e teve como objetivo conhecer de forma ampla a realidade dessas propriedades e quais suas principais necessidades, no que tange a saúde pública veterinária.

As atividades de educação em saúde foram baseadas na metodologia da problematização, seguindo o arco desenvolvido por Charlez Maguerez, e proposto por Bordenave e Pereira (12), apoiado em cinco etapas: 1- observação da realidade (problema) 2- pontos chaves, 3- teorização, 4- hipóteses de solução e 5- aplicação à realidade, com adaptações a situação e contexto local.

As atividades dialógicas foram realizadas em três momentos distintos, em propriedades cedidas pelos próprios produtores (Tab. 1).

Tabela 1. Distribuição das atividades educativas dialógicas, com número de participantes, principais tópicos abordados e locais de realização das práticas.

Grupo/ Atividade	Nº (produtores)	Temas abordados	Local
Grupo 1 atividade 1	3	Mastite, tuberculose e brucelose	Bofete, SP
Grupo 1 atividade 2	12	CCS e causas de mastite	Bofete, SP
Grupo 2 Atividade única	2	Mastite clínica e subclínica – diagnóstico	Itaju, SP

*N=número

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética de Uso de Animais (CEUA FMVZ UNESP Botucatu): 0151/2018.

RESULTADOS

Durante o período de visitas e contato com os produtores, pode-se observar certo receio e distanciamento por parte dos mesmos. Em alguns casos, onde há menor envolvimento e participação de veterinários locais, houve maior resistência por parte dos produtores, os quais nitidamente relacionavam a imagem do profissional de saúde com funções fiscalizadoras ou restritivas a sua produção.

Com base nos questionários, foi possível detectar fatores considerados de risco para a ocorrência de zoonoses, tais como presença de potenciais vetores (65% relataram presença de ratos, 57% de morcegos, 73% de carrapatos), ausência de medidas profiláticas tais como vacinação do rebanho (86% de vacinação para febre aftosa, 40,5% de brucelose, 43% contra clostridioses e 11% contra raiva) e quarentena (13,5%).

No que se refere a produção, pode-se observar que a maioria possui poucos animais em lactação, dos quais 38% com seis a dez vacas e 32,4% de uma a cinco vacas. São animais com baixa produção, com 62% dos animais produzindo de 5 a 10 kg de leite por dia. A produção de leite é destinada a venda em 73% das propriedades (para laticínios por intermédio de cooperativas, para produção de derivados ou ainda leite cru em mercado informal). A ordenha é realizada de forma manual em 78% delas. No que se refere aos métodos diagnósticos ou de controle, pode-se observar que grande parte dos produtores desconhece tais medidas (Tab. 2).

Tabela 2. Frequência de realização de exames diagnóstico (Tamis e CMT) e controle (pré e pós dipping) nos rebanhos leiteiros, Botucatu-SP

	Prova de Tamis (caneca telada) n (%)	CMT* n (%)	Pré e pós dipping n (%)
Sim	19 (51,3)	9 (24,3)	6 (16,2)
Não	8 (21,6)	7 (19,0)	8 (21,6)
Desconhecem	9 (24,3)	20 (54,0)	23 (62,1)
Não responderam	1 (2,7)	1 (2,7)	0 (0)

*CMT: California mastitis test, n= número

Em relação ao momento das atividades de educação em saúde, alguns produtores que responderam ao questionário não compareceram a esta segunda etapa. Dentre as participações, seguem os resultados obtidos com o grupo 1, realizado em momentos distintos e com grupo 2 (citado anteriormente em tabela 1).

Grupo 1 – Atividade 1

Essa atividade contou com a participação de três produtores. Foi realizada em um período (manhã) e mediante diálogo sobre as principais dificuldades encontradas na rotina da atividade leiteira, foram levantados os pontos chaves:

- ✓ Tuberculose e Brucelose
- ✓ Mastite

O primeiro tema elencado foi em relação às doenças tuberculose e brucelose. Os produtores apresentaram dúvidas quanto a prevenção, sinais clínicos e destino de animais doentes. Observou-se certa confusão sobre os dois temas visto que ambos fazem parte do mesmo programa de controle oficial (PNCEBT – MAPA). Os produtores acreditavam se tratar

da mesma doença e que fazendo a vacinação para brucelose o animal também estaria imune a tuberculose.

Foram expostas nesse momento de teorização informações acerca do tema, sanando as dúvidas, explicando que são duas doenças distintas, com características, e formas de prevenção também distintas. Porém, ambas fazem parte de um mesmo programa oficial de controle, o PNCEBT, do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA). Talvez por esse motivo tenha se dado a ideia de que são doenças tão semelhantes.

Foi explanado então sobre o protocolo de vacinação de Brucelose e sobre o controle da tuberculose, referido no programa nacional, a ser realizado por meio da prova de tuberculina, periodicamente em todo o rebanho. Ainda nesta etapa foi salientado que ambas são zoonoses e podem acometer os humanos também.

Logo após, os produtores disseram entender melhor agora e se mostraram preocupados em relação ao tema e aos cuidados necessários com seus respectivos rebanhos, trazendo como uma das possíveis soluções entrar em contato com a casa da agricultura local para maiores informações acerca de calendário de vacinação e profissionais habilitados para realização dos devidos procedimentos. As casas da agricultura desenvolvem atividades de assistência técnica a campo com médico veterinário e/ou engenheiro agrônomo, projetos de extensão, possibilitando, por exemplo, o intercâmbio de informações universidade e produtor, como o presente trabalho, além de auxílio diagnóstico e fiscalização junto a outros serviços públicos.

Outro tema (mastite), que já havia se mostrado discrepante quanto as informações obtidas no resultado do questionário, foi foco das preocupações mostradas pelos produtores. Relatou-se que, em muitos casos, os animais diminuem ou até mesmo cessam sua produção de leite sem motivo aparente e, em casos de mastite evidente (clínica), animais não respondem ao tratamento, vindo a perder a funcionalidade de parte dos tetos ou até mesmo culminando em casos de óbito, e os produtores desconhecem as causas. Um amplo diálogo se deu entre os produtores acerca de quedas de produção, de preocupações com a saúde das vacas e com os custos em manter um tratamento, além de explicarem a forma com a qual eles diagnosticavam problemas no leite: ferver o leite, e caso este viesse a “talhar”, o leite estava ruim. Tal fato, também explicado pelo saber científico pela redução da estabilidade térmica do leite diante das modificações causadas pela mastite, exemplificam duas formas de “saber”, de reconhecer o mesmo fato.

Diante de todo esse diálogo, questionou-se sobre a razão dessas ocorrências, dessa redução na produção. Foi explicado sobre a mastite subclínica, que não gera sinais evidentes no animal nem mesmo no leite, mas pode reduzir a produção, bem como a composição do leite, acrescentando ainda que esta mastite tem, na maioria das vezes, um potencial de contágio muito elevado, dependendo de sua causa.

Sobre as mastites clínicas que não eram responsivas aos tratamentos, esclareceu-se sobre a possibilidade de análise microbiológica do leite, até mesmo junto a projetos de pesquisa que poderiam oferecer o serviço sem custos e do descarte de alguns animais visando diminuir prejuízos bem como controlar melhor os casos de mastites no rebanho.

Para finalizar, foi colocada a possibilidade de realizar alguns exames periódicos pelo próprio produtor, a baixo custo, fato que incitou o interesse de todos e levantou mais questionamentos a respeito do teste do CMT, o qual alguns conheciam, mas não utilizavam.

Neste momento foi possível aplicar na prática algumas técnicas citadas anteriormente para aplicação da realidade de cada um: Primeiramente eles mostraram como realizavam a sua rotina de ordenha, compartilhando formas diferentes. Depois foram-lhes apresentados métodos de diagnóstico de mastite, citados na etapa de teorização como possíveis ferramentas para resolver o problema levantado por eles como um dos mais importantes.

Eles as utilizaram com um animal do rebanho da propriedade na qual a atividade acontecia e ao fim da atividade receberam uma caneca telada, uma “raquete de CMT” e frasco

de reagente a fim de permitir a continuidade aos exames no seu dia a dia caso fosse do interesse de cada um.

Grupo 1 – Atividade 2

A segunda atividade dialógica também foi realizada em propriedade no município de Bofete-SP e os temas chaves elencados foram:

- ✓ Contagem de células somáticas (CCS): o que são células somáticas, fatores que podem influenciar nessa contagem e medidas para o controle dos valores em níveis aceitáveis
- ✓ Principais causas de mastite bovina (microbiológica, agentes ambientais e contagiosos) e suas formas de controle.

A conversa deu início com questionamentos dos produtores sobre CCS em relação ao relatório de qualidade que recebiam do laticínio: alguns produtores relataram que recebiam a cada entrega de leite um papel com valores numéricos e siglas CCS e CBT, mas não sabiam o que aquilo significava. Disseram ainda que por causa dessas siglas e valores poderiam ter penalização no valor pago pelo litro de leite. Diante desse questionamento outros produtores os quais conheciam os termos disseram se tratar de contagem de células (CCS) e de bactérias (CBT), mas que também não sabiam como fazer para diminuir esses valores.

Diversas causas para valores elevados de CCS foram levantadas. Com o decorrer da conversa, um dos produtores levantou outro tópico comum entre todos os presentes: as reais causas de mastite, considerando a doença com apenas uma apresentação (a mastite clínica, que pode trazer sinais aparentes no leite bem como na vaca).

Nesta atividade pôde-se observar que os produtores também não sabiam diferenciar mastite clínica de mastite subclínica, apesar de não ter sido um dos pontos enumerados como “chave”.

Diante dos tópicos levantados na etapa inicial, acerca da CCS e CBT, bem como a influência do bezerro velho no aumento da CCS, foi realizada a exposição do saber científico sobre os referidos temas.

A explicação sobre as siglas: CCS - contagem de células somáticas, que são representadas pelas células de defesa e células de descamação e CBT – contagem bacteriana total. Quanto ao “bezerro velho”, lhes foi explicado que no fim da lactação há um aumento natural de células de descamação, que são contabilizadas na contagem de CCS, principalmente em animais que tenham apresentado infecção mastítica durante aquela lactação, dessa forma coincidindo o período dessas alterações de valores com a presença de um animal mais velho, quase ao fim da lactação.

Em relação ao questionamento das causas de mastite, foi explicado sobre as causas mais comuns, como as infecciosas, sobre os agentes contagiosos, que podem ser transmitidos principalmente durante a ordenha, e os agentes ambientais, adquiridos principalmente no período entre ordenhas.

Diante desses dois temas abordados lhes foi proposto o uso das técnicas de diagnóstico para mastite clínica (prova de Tamis) e para mastite subclínica (CMT) como forma de triagem e indicador desses problemas na propriedade, visto que estão intimamente relacionados com os indicadores levantados como pontos chave e considerados como problemas.

Foi realizado então a demonstração prática de como utilizar essas ferramentas diagnósticas, a frequência sugerida, e cada um dos produtores recebeu caneca telada, uma “raquete de CMT” e frasco de reagente para praticarem as técnicas ainda no momento da atividade dialógica e levaram para casa a fim de permitir a continuidade aos exames no seu dia a dia caso julgassem necessário.

Houve, por parte de alguns produtores, intensa troca de relatos de experiências pessoais e profissionais sobre os temas abordados, fator que enriqueceu a atividade e facilitou o entendimento por parte dos produtores, visto que esses relatos e exemplificações tornaram a

atividade ainda mais prática e aplicável para eles. Em conjunto, levantaram-se, em ambos os grupos, possibilidades a serem aplicadas na rotina de cada um, dentro de suas possibilidades econômicas e estruturais.

Grupo 2

A atividade dialógica foi realizada no município de Itaju-SP e o tema destacado pelos produtores como foco de preocupação na atividade leiteira foi mais uma vez relacionado a mastite:

✓ Mastite clínica e subclínica: quais as diferenças e como diagnosticá-las.

Este grupo se mostrou mais contido no início da atividade, em relação aos outros grupos. Quando iniciaram o levantamento dos pontos chave, o neto de um dos produtores, rapaz jovem que acompanhou a atividade, deu início as considerações dizendo que o maior problema deles era a mastite.

Foi questionado o que incomodava sobre o tema mastite, se eram as perdas financeiras, tratamentos que não respondiam, redução na produção, entre outros. Ao citar esses fatores, o avô (produtor) disse ter ouvido entre colegas do ramo que existia uma mastite silenciosa, mas não sabia se era verdade e outro produtor confirmou também ter ouvido sobre isso, explicaram perceber diminuição da produção, mas não conseguiram identificar a causa. Este grupo demonstrou maior preocupação com a sanidade animal, abstendo-se de outros fatores indicativos da qualidade do leite, tais como CCS e CBT.

O assunto em questão, também chamado de mastite subclínica, foi exposto de forma a esclarecer as dúvidas levantadas naquele momento.

Logo após, o mesmo produtor que fez o questionamento inicial se mostrou preocupado em não conseguir diagnosticar uma doença que podia causar tanto prejuízo.

Explicou-se sobre os diagnósticos para mastite clínica e subclínica e mostrou-se os materiais que poderiam ser utilizados por eles mesmos na rotina. Nessa propriedade não foi possível realizar a prática com os animais visto que as vacas já haviam sido ordenhadas, mas a pedidos dos próprios produtores demonstrou-se em situação hipotética para que eles aprendessem a manuseá-los para aplicar os métodos nas ordenhas seguintes.

DISCUSSÃO

Mais do que dados técnicos sobre o perfil dos produtores em relação a sanidade dos animais, saúde pública e ainda sobre a metodologia utilizada na atividade dita educativa, o presente trabalho revelou valores, pré-conceitos e uma percepção de hábitos, julgamentos já enraizados no âmbito da bovinocultura de leite em ambos envolvidos no projeto (produtores e veterinários), gerando uma reflexão sobre o que se pratica e o que pode ser praticado na educação em saúde em veterinária. Por isso, esta discussão se estende não apenas a apreensão do “conhecimento” técnico, mas também a alguns fatores culturais que cercaram esse processo, muitas vezes criando barreiras bilaterais ou permitindo ampliar possibilidades, abrir novos caminhos.

No período de observação e primeiro contato com os produtores houve uma certa resistência inicial devido a uma imagem pré-formada do médico veterinário, como um profissional meramente fiscalizador, que tem por objetivo punir o produtor por medidas inadequadas ou por deixar de fazer alguns procedimentos, tais como vacinação por exemplo ou ainda que este profissional vá obrigar o produtor a mudar sua rotina, seu manejo com o gado.

Nesse caso, enfatizou-se aos produtores que em nenhum momento o projeto teria o intuito de anular ou desmerecer os conhecimentos dos produtores, que são muito válidos e importantes. Gostaríamos apenas de levar informações de forma diferente da que eles comumente têm

acesso, como outra opção e receber de forma cordial o saber da prática diária de cada um. Cabe a eles seguir ou não o que de novo foi passado ou compartilhado. Segundo Paulo Freire (13).

“(…) não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância. Por isso, não podemos nos colocar numa situação de ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. É preciso reconhecer quando os educandos sabem mais e fazer com que eles também saibam com humildade”. (p.29)

Como abordado por Rozemberg et al. (14), quando adentramos ao meio rural com nossos estudos, somos considerados como indivíduos estranhos àquele meio, dotados de palavras e siglas institucionais sem significado algum para eles.

Acredito, ainda, que a participação e aceitação do projeto por parte de alguns dos produtores foi com o intuito genuíno de simplesmente “ajudar” mesmo que nada daquilo pudesse fazer sentido para eles ou lhes despertasse real interesse. De fato, alguns deixaram isso claro, desde o início, dizendo que iriam participar para ajudar no trabalho.

Ainda neste cenário, além da generosidade observada por parte do produtor, que mesmo sem acreditar em contribuições vindas daquela atividade, aceitou participar, pode-se observar um etnocentrismo relevante, ainda que disfarçado. O etnocentrismo cultural de ambas as partes: o etnocentrismo científico, carregado de cientificismo e o etnocentrismo rural, detentor do empirismo rural.

Em relação aos dados obtidos com o questionário, pode-se delinear um perfil aproximado da realidade dessas propriedades: baixa produção e tecnificação do sistema de produção ou seleção genética para aptidão leiteira. Tal fato pode se dar pela atuação dispersa de pequenos produtores no mercado tornando, dessa maneira, complexos os custos de coleta do leite e da assistência técnica, dificultando o investimento na atividade e o armazenamento do produto, comprometendo a qualidade da matéria-prima (15).

Segundo Vilela (16), aproximadamente um milhão de famílias não trabalham com tecnologia adequada a alta produção, o que significa que há um grande número de produtores de leite trabalhando com baixa produtividade e qualidade (avaliada numericamente por indicadores como os citados pelos produtores, como CCS e CBT), característica de boa parte desses produtores não especializados e de subsistência que, quando têm excedente, conseguem vendê-lo para o mercado informal. Este, caracterizado pela venda direta do produtor ao consumidor, de leite cru, sem qualquer processamento térmico ou inspeção sanitária (17). Quanto aos níveis de escolaridade, observou-se baixos níveis, fato este que pode estar intimamente relacionado a adesão às inovações tecnológicas capazes de melhorar significativamente a qualidade do leite produzido, de aumentar a produtividade e a rentabilidade e de reduzir os custos na produção rural (18,19,20). Porém, nota-se também durante o processo que esses produtores não têm árduo interesse em expandir economicamente. Diferentemente de um produtor de escala comercial que visa em primeira instância a lucratividade e a prosperidade do negócio, para o pequeno produtor alguns fatores são de maior relevância, como os hábitos que são passados de geração para geração, sua cultura, denominada por Kluckhohn e Kroeber (21), como “a hereditariedade social que um indivíduo adquire do seu grupo de pertença, uma maneira de pensar, sentir, a globalidade de um comportamento apreendido”. Mais uma vez, tal fato sustentaria a ideia de receio e distanciamento dos produtores frente ao novo e ao diferente. Além disso, o equilíbrio entre baixo custo de produção e qualidade requer um mínimo de investimento nos sistemas produtivos, incompatíveis com a realidade do pequeno pecuarista de agricultura familiar (15).

Quanto a atividade dialógica, observa-se que os pontos levantados como “chaves” foram muito semelhantes entre os grupos, sempre demonstrando a preocupação em relação a mastite, uma das principais doenças que acomete gado leiteiro, e traz consigo enormes prejuízos

financeiros, abstendo-se de outros temas também relevantes na cadeia produtiva da bovinocultura leiteira, como a ocorrência de zoonoses. Para que fosse realizado e seguido o proposto para o trabalho, os temas abordados nas atividades de educação em saúde restringiram-se aos destacados como de interesse pelos próprios participantes.

Observou-se a participação de produtores interessados do começo ao fim da atividade. A interação com os animais, com outros produtores e a possível troca de experiências durante uma prática de educação em saúde despertou interesse e curiosidade por parte de todos proporcionando a eles e a equipe do trabalho novas vivências.

O termo experiência, historicamente usado por Heidegger (22) traduz aquilo que o ser humano apreende onde vive e com o que faz. Já a vivência é o produto da reflexão pessoal da experiência (23). Portanto, pessoas submetidas a mesma experiência, como a rotina da lida com o gado leiteiro, as dificuldades frequentemente encontradas na atividade bem como as gratificações da mesma podem proporcionar vivências distintas, com sentido próprio a cada indivíduo. A relação dos temas abordados com conhecimentos prévios pessoais tornou o processo de aprendizagem significativo, pois o indivíduo atribui significado próprio ao que lhe foi apresentado (24).

A proposta de uma perspectiva dialógica infere a troca de experiências e formas distintas de conhecimentos entre áreas e ambientes de maneira a compartilhar as diferentes culturas, sem o intuito de induzir a apropriação. Trata-se de uma mudança metodológica e, mais do que isso, uma mudança comportamental que terá retorno a médio e longo prazo, pois precisa se consolidar entre todos os envolvidos.

Ao falarmos de uma proposta diferente da praticada usualmente em um determinado local ou população, pode-se gerar de imediato um grande estranhamento e este sentimento pode nos levar a dois caminhos distintos: encarar a nova proposta com baixa credibilidade, pela sua “subjetividade” em relação a todas as outras maneiras anteriores de se pensar ou agir, ou, colocar o indivíduo na posição de descentramento, para que este possa ver de um outro ponto de vista e então validar, compreender, reconhecer esta nova configuração.

CONCLUSÃO

Diante de todo o conteúdo exposto e discutido, dados, observações e reflexões acerca da diversidade cultural e a importância do trabalho educativo baseado no diálogo, na troca de experiências, na problematização de cada realidade, conclui-se pela necessidade de adoção dessa nova perspectiva à educação em saúde em veterinária. O processo de educação em saúde é de grande importância para saúde pública e sanidade animal, mas deve ser feito com respeito à pluralidade de saberes e com a disposição dos envolvidos em tornar a pluralidade de saberes um recurso a ser explorado em benefício comum.

Conclui-se pela necessidade de mudanças na prática de educação em saúde exercida por diversas instituições públicas, visando uma relação harmoniosa e sinérgica, aproveitando a pluralidade de saberes que cerca a cadeia produtiva do leite em prol de ações que favoreçam a fixação do homem no campo, da produtividade e saúde dos animais.

AGRADECIMENTOS

Secretaria da Agricultura do município de Bofete-SP e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, Processo 2015/20428-0. Professora Sra. Luciana Maria Lunardi Campos e Médico Veterinário Leandro Temer Jamas.

REFERÊNCIAS

1. Zanella JRC. Zoonoses emergentes e reemergentes e sua importância para saúde e produção animal. *Pesqui Agropecu Bras.* 2016;51(5):510-9.
2. Domingues PF, Langoni H, Ferreira RS Jr. *Manejo sanitário animal.* Rio de Janeiro: EPUB; 2001.
3. Cyrino EG, Toralles-Pereira ML. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. *Cad Saude Publica.* 2004;20(3):780-8.
4. Cambi F. *História da pedagogia.* São Paulo: Editora UNESP; 1999.
5. Marin MJS, Lima EFG, Paviotti AB, Matsuyama DT, Silva LKD, Gonzalez C, et al. Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das metodologias ativas de aprendizagem. *Rev Bras Educ Med.* 2010;34(1):13-20.
6. Falkenberg MB, Mendes TPL, Moraes EP, Souza EM. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. *Cienc Saude Colet.* 2014;19:847-52.
7. Vasconcelos EM. Participação popular e educação nos primórdios da saúde pública brasileira. In: Vasconcelos EM, Prado EV. *A saúde nas palavras e nos gestos: reflexão da rede de Educação popular nos serviços de saúde.* São Paulo: Editora Hucitec; 2001.
8. Gomes LB, Merhy EE. Compreendendo a educação popular em saúde: um estudo na literatura brasileira. *Cad Saude Publica.* 2011;27(1):7-18.
9. Payne SLB. *The art of asking questions.* Princeton: Princeton University Press; 1951.
10. Günther H. *Como elaborar um questionário.* Brasília: Unb; 2003. (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais; n. 1).
11. Gil AC. *Métodos e técnicas de pesquisa social.* 6a ed. São Paulo: Atlas; 2008.
12. Bordenave JD, Pereira AM. *Estratégia de ensino aprendizagem.* 4a ed. Petrópolis: Vozes; 1982.
13. Freire P. *Educação e mudança.* Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1981.
14. Rozemberg B. O saber local e os dilemas relacionados à validação e aplicabilidade do conhecimento científico em áreas rurais. *Cad Saude Publica.* 2007;23 Supl 1:97-105.
15. Borges MS, Guedes CAM, Castro MCD. Programa de assistência técnica para o desenvolvimento de pequenas propriedades leiteiras em Valença-RJ e região Sul Fluminense. *Cad EBAPE BR.* 2016;14(9 Esp):569-92.
16. Vilela D. Cenário atual e perspectivas futuras de PD&I no Brasil. In: *Anais do 11o Congresso Internacional do Leite; 2012; Goiânia (GO).* Goiânia: Embrapa Gado de Leite; 2012.
17. Marafon ALO, Barbosa A, Santos RL, Brito TL, Fernandes FH, Silva RL. Impacto da informalidade na economia brasileira: leite clandestino no mercado nacional, seus impactos na economia e saúde pública. *Rev FIMCA.* 2020;7(3):39-40.
18. Lopes PF, Reis RP, Yamaguchi LCT. Custos e escala de produção na pecuária leiteira: estudo nos principais estados produtores do Brasil. *Rev Econ Sociol Rural.* 2007;45(3):567-90.

19. Brand SI, Mumbach GL, Diel MI, Portela VO, Schneider FJ, Silva DR. Dados preliminares sobre características de propriedades de bovinocultura leiteira da região noroeste do RS. *Rev Interdiscip Ensino Pesqui Ext.* 2015;2(1).
20. Almeida TJO, Araújo VV, Feitosa PJS, Silva AFA. Perfil sociocultural de produtores de leite bovino do município de São Bento do Una (PE) e suas implicações sobre o manejo da ordenha. *Rev Bras Hig Sanid Anim.* 2015;9(1):122-35.
21. Kroeber AL, Kluckhohn C. *Culture: a critical review of concepts and definitions.* Cambridge: Peabody Museum; 1952. Vol. 47, n. 1.
22. Heidegger M. *Ser e tempo.* Petrópolis: Vozes; 1998. *Apud* Minayo MCS. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Cienc Saude Colet.* 2012;17(3):621-6.
23. Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R. *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.* 28a ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2009.
24. Coll C, Palacios J, Marchesi A, organizadores. *Desenvolvimento psicológico e educação. Psicologia da educação.* Porto Alegre: Artes Médicas; 1996. Vol. 2.

Recebido em: 05/12/2022

Aceito em: 23/08/2023